

Marriner rege a  
Academy of St.  
Martin-in-the-Fields  
no Municipal. Pág. 3

Ivo Mesquita  
anuncia reviravolta  
na programação do  
MAM/SP. Pág. 10

# CADEIRNO 2

ANO IX NÚMERO 3.117 □ TERÇA-FEIRA, 22 DE AGOSTO DE 1995

## Grupo baiano segue os passos dos orixás



Balé Teatro Castro Alves: elenco de prestígio internacional é o forte do grupo, que atrai jovens para a dança por meio do Projeto Axé

Balé Teatro Castro Alves abre hoje em Santos a Bienal de Dança, apresentando 'Do Not Go Gently' e 'Sanctus', que confirmam a exuberância e o sabor étnico de suas performances

HELENA KATZ  
Especial para o Estado

Depois de sete anos sem dançar em São Paulo, lá vêm os baianos descendo a ladeira. Ainda não é na Capital, mas quase. O Balé Teatro Castro Alves (BTCA) vai abrir hoje, às 21 horas, em Santos, a Bienal de Dança. O grupo apresenta as coreografias *Do Not Go Gently*, de Guilherme Botelho, e *Sanctus*, de Luiz Arrieta.

O BTCA foi fundado em 1981 por Antônio Carlos Cardoso — considerado um dos melhores diretores de dança do País — e, desde então, a vida de um tem muito a ver com a vida do outro. Ficou até 1983,

retornou de 1987 a 1988 e, novamente, em 1991. Antes, Cardoso havia se consagrado como o responsável pela transformação do Corpo de Baile Municipal em Balé da Cidade de São Paulo, uma troca de nome que simbolizou

uma reforma estética total. Dirigiu e

consolidou a companhia oficial paulista de 1974 a 1980. Voltou, mais tarde, por um curto período, em 1985.

Embora não tenha mais vindo ao sul, o BTCA não se restringiu a dançar todos estes anos apenas em Salvador.

Esteve na Filadélfia, em Nova York e

em Buenos Aires, em 1992. Na Repú

blica Checa, na Suíça, na Itália e, de

novo nos Estados Unidos, em 1993. No

ano passado, foi para Israel e Alemanha.

Em fevereiro, esteve no Centro

Cultural de Belém, em Lisboa, e agora

se prepara para uma segunda turnê

européia e uma nova temporada no

Joyce Theatre, em Nova York. Em to

dos estes lugares, a companhia foi

sempre saudada com a mesma recep

ção entusiasmada que destaca a exu

berância dos seus bailarinos e o sabor

étnico do seu repertório.

Em agosto, começaram os ensaios

de uma nova produção, assinada por

Antônio Gomes — ex-bailarino do Balé da Cidade de São Paulo, aquela outra companhia brasileira, cuja história Antônio Carlos Cardoso ajudou a construir. E em dezembro estréia uma superprodução, com trilha originalmente composta por Egberto Gismonti, que terá coreografia de Luiz Arrieta. O assunto? Os arquétipos dos orixás numa leitura diferenciada das habita

lidades. Arrieta e Gismonti, bem como Oscar Araiz e, mais recentemente, Guilherme Botelho, pertencem ao time dos prediletos de Cardoso, que freqüentemente

pavimenta sua direção com obras des

tes artistas. Guilherme Botelho, por

exemplo, é o mais jo

vem deste elenco. Solista no Grand Théâtre de Genève desde 1982, Botelho come

çou a coreografar em 1987. O BTCA já dan

ça duas coreografias suas. O sucesso de *Do*

*Not Go Gently*, com

música de Alfred Sch

nittke, em 1992, ga

rantiu sua ligação com a companhia baiana.

Agora, Cardoso investe em outro

Antônio. Com uma carreira semelhan

te à de Botelho, uma vez que também é

ex-Balé da Cidade de São Paulo e tam

bém trabalha em Genebra, Antônio

Gomes prepara sua primeira coreogra

fia para o BTCA. Com este convite,

Cardoso evidencia um traço importan

te no seu atual planejamento: tecer as

ligações entre bailarinos brasileiros

que partiram e iniciaram suas carre

iras como coreógrafos na Europa.

Mas o principal da sua estratégia

talvez nem esteja no que ocorre no pal

co, hoje, e sim naquilo que ele prepa

ra para ocupar este mesmo palco nos

próximos anos. Antônio Carlos Cardoso,

que além de dirigir companhias de

dança também coreografa e dá aulas,

sabe que um dos pontos nevrálgicos

da dança brasileira continua sendo a

formação dos seus bailarinos. Por isso,

P39.67



Marriner rege a  
Academy of St.  
Martin-in-the-Fields  
no Municipal. Pág. 3

Ivo Mesquita  
anuncia reviravolta  
na programação do  
MAM/SP. Pág. 10



A coreografia 'Sanctus', de Luiz Arrieta: um dos preferidos do BTCA

decidiu investir seriamente nesse aspecto. Associou-se ao Projeto Axé e à Unicef e iniciou um processo educacional que pode mudar o perfil da dança na Bahia. Nesta entrevista ao *Caderno 2*, Cardoso explica como.

Cardoso — Nesta fase da sua carreira, é o lado do professor que pede mais atuação?

Cardoso — Na verdade, desde a última vez que voltei para a Europa, no fim dos anos 80, quando tive a oportunidade de trabalhar com diferentes companhias profissionais, venho me dedicando a elaborar uma aula para formar bailarinos para companhias modernas que usam balé. Esse é um dos lados da educação de dança que mais me interessam, hoje. Mas tem o outro, no caso do mercado brasileiro, que deve focar a formação de rapazes.

Cardoso — Mas o BTCA é reconhecido, até internacionalmente, pela força do seu elenco, e os rapazes se destacam.

Cardoso — Talvez seja isso que me estimule. Penso muito em atuar mais diretamente nessa nossa característica. Comecei alguns cursos para a co

munidade, aqui no teatro, tentando atrair jovens para a dança, mas não tive sucesso. Só depois que conheci o Projeto Axé é que minhas idéias encontraram o canal certo.

Cardoso — O Projeto Axé é não-governamental e trabalha com meninos de rua, educando-os e encaminhando-os para profissões. Onde entra a dança nisso?

Cardoso — Eles têm o Projeto Eré (eré é o orixá menino), que já tinha começado com dança. Alguns membros do Axé, que trabalham aqui no teatro, fizeram o contato, trouxeram o Eré para cá, ajustaram nossos objetivos e estamos surpreendidos com o que está ocorrendo. A resposta é mais que favorável.

Cardoso — A intenção é formar bailarinos para a companhia?

Cardoso — Não apenas. No primeiro semestre, realizamos uma oficina aos sábados. Desta experiência, selecionamos uma turma piloto que terá aulas diárias, até dezembro. Nestas aulas, as crianças recebem informações sobre arte em geral, vêem vídeos e aprendem técnicas de dança. No fim do ano, montaremos algo com eles.

Caderno 2 — E depois? Começa uma outra turma e assim por diante?

Cardoso — Não. Esta é a célula para o Balé Jovem que desejo criar aqui. Formaremos esta nova companhia e, penso que depois de dois anos dançando nela, muitos poderão passar para o elenco do BTCA, profissionalizando-se.

Cardoso — O Balé Jovem será exclusivamente masculino?

Cardoso — Em absoluto. Temos

80% de meninos e 20% de meninas, no momento. Foi resultado do interesse normal da procura. E os orientadores do Projeto Axé, que acompanham todo o processo, estão encantados com seu rumo.

Cardoso — Acredito que esta seja, de fato, uma das saídas possíveis para ajudar a ampliar o mercado para a dança no Brasil.

■ Mais informações na Pág. 4

**COMPANHIA  
INVESTE NA  
FORMAÇÃO DE  
BAILARINOS**

Depois de sete anos sem dançar em São Paulo, lá vêm os baianos descendo a ladeira. Ainda não é na Capital, mas quase. O Balé Teatro Castro Alves (BTCA) vai abrir hoje, às 21 horas, em Santos, a Bienal de Dança. O grupo apresenta as coreografias *Do Not Go Gently*, de Guilherme Botelho, e *Sanctus*, de Luiz Arrieta.

O BTCA foi fundado em 1981 por Antônio Carlos Cardoso — considerado um dos melhores diretores de dança do País — e, desde então, a vida de um tem muito a ver com a vida do outro. Ficou até 1983,

retornou de 1987 a 1988 e, novamente, em 1991. Antes, Cardoso havia se consagrado como o responsável pela transformação do Corpo de Baile Municipal em Balé da Cidade de São Paulo, uma troca de nome que simbolizou

uma reforma estética total. Dirigiu e

consolidou a companhia oficial paulista de 1974 a 1980. Voltou, mais tarde, por um curto período, em 1985.

Embora não tenha mais vindo ao sul, o BTCA não se restringiu a dançar todos estes anos apenas em Salvador.

Esteve na Filadélfia, em Nova York e

em Buenos Aires, em 1992. Na Repú

blica Checa, na Suíça, na Itália e, de

novo nos Estados Unidos, em 1993. No

ano passado, foi para Israel e Alemanha.

Em fevereiro, esteve no Centro

Cultural de Belém, em Lisboa, e agora

se prepara para uma segunda turnê

européia e uma nova temporada no

Joyce Theatre, em Nova York. Em to

dos estes lugares, a companhia foi

sempre saudada com a mesma recep

ção entusiasmada que destaca a exu

berância dos seus bailarinos e o sabor

étnico do seu repertório.

Em agosto, começaram os ensaios

de uma nova produção, assinada por

HELENA KATZ  
Especial para o Estado

Depois de sete anos sem dançar em São Paulo, lá vêm os baianos descendo a ladeira. Ainda não é na Capital, mas quase. O Balé Teatro Castro Alves (BTCA) vai abrir hoje, às 21 horas, em Santos, a Bienal de Dança. O grupo apresenta as coreografias *Do Not Go Gently*, de Guilherme Botelho, e *Sanctus*, de Luiz Arrieta.

O BTCA foi fundado em 1981 por Antônio Carlos Cardoso — considerado um dos melhores diretores de dança do País — e, desde então, a vida de um tem muito a ver com a vida do outro. Ficou até 1983,

retornou de 1987 a 1988 e, novamente, em 1991. Antes, Cardoso havia se consagrado como o responsável pela transformação do Corpo de Baile Municipal em Balé da Cidade de São Paulo, uma troca de nome que simbolizou

uma reforma estética total. Dirigiu e

consolidou a companhia oficial paulista de 1974 a 1980. Voltou, mais tarde, por um curto período, em 1985.

Embora não tenha mais vindo ao sul, o BTCA não se restringiu a dançar todos estes anos apenas em Salvador.

Esteve na Filadélfia, em Nova York e

em Buenos Aires, em 1992. Na Repú

blica Checa, na Suíça, na Itália e, de

novo nos Estados Unidos, em 1993. No

ano passado, foi para Israel e Alemanha.

Em fevereiro, esteve no Centro

Cultural de Belém, em Lisboa, e agora

se prepara para uma segunda turnê

européia e uma nova temporada no

Joyce Theatre, em Nova York. Em to

dos estes lugares, a companhia foi

sempre saudada com a mesma recep

ção entusiasmada que destaca a exu

berância dos seus bailarinos e o sabor

# Jovens mostram seu talento com clássicos do balé



*'Affair', com o Ballet Jane: montagem que relata encontros furtivos de amantes nos anos 30*

Seis grupos apresentam trechos de montagens tradicionais no Centro Cultural São Paulo

SABINA DEWEIK  
Especial para o Estado

Algumas trechos dos balés mais conhecidos de todos os tempos, como *Dom Quixote*, *Quebra-Nozes*, *O Corsário* e

*Coppélia*, poderão ser vistos a partir de hoje em São Paulo. O Centro Cultural São Paulo dá início ao projeto *Mostra de Dança Clássica*, que procura lançar novos talentos. Seis grupos apresentarão montagens clássicas que encantam pelo romantismo e lirismo de seus enredos e pelo vigor de suas técnicas. O projeto termina no domingo.

Criada especialmente para revelar talentos que estão despon-

tando para a dança clássica, a mostra conta com a participação da Cia. Dançarumo, do Grupo Uirapuru, dos balés Evelyn, Camilla e Jane Nunez e do Ballet Clássico de São Paulo. Ao todo, são 12 coreografias baseadas no repertório clássico. A Cia. Dançarumo, encabeçada pelo coreógrafo Eduardo Bonnus, apresentará dois espetáculos: *La Esmeralda*, com música de Cesare Pugni, e *Apolo*, ao som de Stravinski.

O primeiro é um balé tradicional que segue os moldes da escola clássica. "É um trabalho essencialmente de técnica", explica Bonnus. A segunda montagem é uma adaptação do clássico *Apolo* e conta a história de sua ascensão ao Olimpo por meio das musas da dança, do teatro e da mímica. "É a simplicidade aliada à técnica", diz.

A coreógrafa Evelyn Agabiti, do balé Evelyn, participa da mostra com *Giselle* e *Coppélia*. Os bailarinos Daniele Cristina Silvestre e Alex Soares da Silva, ambos de 13 anos, interpretam uma camponesa e um príncipe no pas des deux de *Giselle*. Na cena, uma camponesa se apaixona por um príncipe, convencida de que este é também um camponês. "É a montagem fiel da obra", diz Evelyn. No fragmento de *Coppélia*, ocorre a celebração de um casamento que será interpretado pelos bailarinos Karine Jacob Sarro e Kiko Moreira.

A história de um mercador que vende sua escrava e a dança das odaliscas no jardim encantado fazem parte do enredo de *O Corsário*, montagem escolhida pelo Grupo Uirapuru, de Ilara Lopes. Além disso, a coreógrafa preparou um pas des trois com bailarinos de 13 e 14 anos que mostrarão técnicas do balé clássico. "É uma dança de muito virtuosismo dentro da pos-

sibilidade de idade dos bailarinos", afirma Ilara.

Terceiro e último balé de Tchaikovsky, *Quebra-Nozes*, montado tradicionalmente no Natal, será interpretado pelos bailarinos da Camilla Ballet. A passagem antológica *A Fada Açucarada*, um pas des deux para a fada e seu cavaleiro, volta aos palcos com interpretação de Juliana Martinelli, de 15 anos, e André Malosa, de 17, com coreografia de Camila Pupa.

"Os grandes clássicos nunca param de evoluir", acredita Sérgio Bruno, do Ballet Clássico de São Paulo. Por isso, faz uma remontagem do clássico espanhol *Dom Quixote*. Unindo técnica e interpretação, Bruno apresenta a versão russa do State Perm Ballet. "Acho que em matéria de clássicos os russos ainda são os melhores", comenta.

A mitologia grega fascina a coreógrafa Jane Nunez, do Ballet Jane, que escolheu o balé clássico de repertório *Diana e Acteon*. Tudo se passa entre Diana, a deusa da caça, e o mortal Acteon. O par romântico é interpretado por Ana Carolina Simi, de 16 anos, e Marcus Vinícius Lacerda, de 26 anos. Além desta apresentação, Jane preparou a coreografia *Affair*, também uma montagem clássica que relata os encontros furtivos dos amantes nos anos 30.

**DANÇARUMO**  
PARTICIPA COM  
'APOLO' E  
'LA ESMERALDA'

**BREVES**  
Morre o desenhista e escritor Hugo Pratt

Morreu anteontem, aos 68 anos, em Lausanne, na Suíça, o desenhista e escritor italiano Hugo Pratt. Criador do marinheiro Corto Maltese, ele morreu em Buenos Aires, conheceu escritores como Octavio Paz e Borges, e esteve várias vezes no Brasil. Seu personagem encontrou James Joyce, Herman Hesse e Ernest Hemingway. "É difícil imaginar se ele viaja para contar histórias ou se conta histórias para ter o pretexto de viajar", afirmou Umberto Eco sobre Pratt.

**Restauro de afrescos de Giotto é criticado**

O crítico de arte norte-americano James Beck, um dos primeiros a desqualificar os métodos de restauração da Capela Sistina e do Museu do Vaticano, afirmou que os afrescos de Giotto na Capella degli Scrovegni, em Pádua, na Itália, correm perigo. Ele pediu que seja convocado um congresso internacional sobre o sistema de restauração mais apropriado para recuperar os afrescos. Para a diretora de restauração do Museu do Louvre, Segolene Bergeon, os produtos utilizados por restauradores para limpar as telas destroem as tintas e muitas vezes até o tecido.



**Zhang Yimou bate recordes na China**

O filme mais recente do diretor chinês Zhang Yimou (foto), *Shanghai Triad*, está batendo todos os recordes de bilheteria na China depois de apenas 20 dias em exibição nos cinemas. Vários filmes do cineasta foram censurados no país, como *Tempo de Viver*. *Shanghai Triad* é uma história de amor e vingança na máfia de Xangai nos anos 30. Premiado no Festival de Cannes deste ano, o filme foi o último em que Zhang e sua atriz favorita, Gong Li, trabalharam juntos. Eles se separaram em fevereiro, depois de oito anos de casamento. O diretor de *Lanternas Vermelhas*, *Amor e Sedução* e *A História de Qiu Ju* anunciou que está buscando um novo roteiro para seu próximo projeto.



**EXPO MUSIC 95**

**INTERNACIONAL DA MÚSICA**  
3 A 27 - AGOSTO - 1995  
CO: DAS 15:00 AS 21:00 HORAS  
NORTE - PAVILHÃO AZUL - SÃO PAULO

**ABEMUSIC**  
Associação Brasileira  
da Música  
INDÚSTRIA, COMÉRCIO, ENSENA

TEL: (011) 816.3644 - TEL/FAX: (011) 815.6688